

PORTUGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLJA GREY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

SUMMARIO

MEMORIAS

	PAGS.
Antonio dos Santos Rocha — ESTAÇÕES PRE-ROMANAS DA IDADE DO FERRO NAS VISINHANÇAS DA FIGUEIRA (com 2 illustrações no texto e 6 estampas)	493-516
Fonseca Cardoso — O POVEIRO: ESTUDO ANTHROPOLOGICO DOS PESCADORES DA POVOA DE VARZIM (com 27 ill.)	517-539
Rocha Peixoto — ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA: AS FILIGRANAS (com 53 ill.)	540-579
Alberto Sampaio — AS PÓVOAS MARÍTIMAS DO NORTE DE PORTUGAL	580-604

VARIA

NOTAS E COMUNICAÇÕES

José Fortes — <i>Ouros protohistoricos da Estella</i> (com 16 ill. e 1 est.)	605-618
Abbate Sousa Maia — <i>A necropole de Canidello</i> (com 4 ill.)	619-625
Manoel Joaquim de Campos — <i>Notas de nummaria portugueza: Tostão, inédito, de 1641</i> (com 3 ill.)	625-627
Tavares Teixeira — <i>Ethnographia transmontana: A agricultura</i>	627-638
M. Vieira Natividade — <i>Alcobaça ethnographica: As roças da minha terra</i> (com 42 ill.)	638-646
Tude M. de Sousa — <i>Costumes e tradições agricolas do Minho: Regimen pastoril dos povos da Serra do Gerez</i>	646-652
R. P. — <i>Os pucarciros de Ossella</i>	653
J. J. Nunes — <i>Costumes algarvios: O vestuario</i>	654-655
A. Thomaz Pires — <i>Os pregões d'Eleas</i> (com 33 musicas)	655-660
R. P. (Collector) — <i>Folk-lore: Contos populares de animaes</i>	660

NOTICIAS

<i>Esconderijo morgeano de Ganfei</i> , por J. Fortes	661
<i>Machados avulsos da idade do bronze</i> , por J. Fortes (com 2 ill.)	662
<i>Vasos em forma de chapu invertido</i> , por J. Fortes (com 6 ill.)	662-665
<i>Subsidios para o inventario archeologico do concelho de Felgueiras</i> , por Eduardo de Freitas (com 1 ill.)	665-666
<i>Thesouros encontrados em alguns castros do norte de Portugal</i> , por Manuel de Oliveira	666-668
<i>Materiaes para o inventario archeologico do concelho de Baião</i> , por J. de V.	669-673
<i>Castros do concelho de Amarante</i> , por J. Pinho (com 27 ill.)	673-675
<i>Uma celha necropole</i> , por M. M.	675
<i>O homem da maça</i> , por R. P. (com 1 ill.)	676-677
<i>Benemeritos da Archeologia</i> , por R. P. (com 8 ill.)	677-680

OS MORTOS

<i>José Vicente Barbosa du Bocage</i> (com 1 retrato), por R. P.	681
<i>Joaquim Philippe Nery da Encarnação Delgado</i> (com 1 retrato), por R. P.	682

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

PADRE JOÃO GOMES DE OLIVEIRA GUIMARÃES, <i>Vimaranis monumenta historica</i> — por Alberto Sampaio	683-684
ARRONCHES JUNQUEIRO, <i>Estudos setubalenses</i> — por R. P.	684
FEDERICO MACIÑEIRA Y PARDO, <i>El santuario de S. Andrés de Teicido</i> — por R. P.	684

<i>Serviço de correspondencia e permuta</i>	685-688
<i>Frontispicio e indices geraes do tomo II.</i>	685-688

COLLABORADORES ARTISTICOS D'ESTE FASCICULO: A. da Silva Filippe, Arthur Cruz, José Pinho, M. Vieira Natividade, D. Sophia de Souza, etc.

CLICHÉS DE: A. Cardoso, Adelino de Castro, E. Biel, Eduardo de Freitas, Guedes de Oliveira, José Calheiros, Marques Abreu, M. Vieira Natividade e Rocha Peixoto.

Dois apregoados da cidade de Portalegre

I

Andantino

Quem quer com -- prar bom vi -- nho tin -- to a tres vin -- tens o
 Q'æ q'ar com -- pré: bom vi -- nho tiu -- to a três vin -- tães o

li -- tro vá ao Ro -- ci -- o á ven-da do Ca -- chi -- do que lá se vende.
 li -- tro vá ó Ro -- ci -- o á van-da do Ca -- chû -- do q'á lá se vande.

II

Andante

Quem mer-c'as pe-ras, Quem mer-c'as a -- mei-ras, vão a tres vin - tens.
 Q'æ már-c'as pá-ras, Q'æ már-c'as a -- mã-ras, véo a três vin - tães.

Abril, 1906.

A. THOMAZ PIRES.

FOLK-LORE

CONTOS POPULARES DE ANIMAES

I.— **O lobo e a raposa**— Uma vez uma raposa e um lobo roubaram um carneiro e foram enterra-lo para depois o comerem, quando podessem. Mas a raposa pensou lograr o lobo, e ao outro dia foi a casa d'elle pedir-lhe emprestados os seus sapatinhos para um baptisado.— Pois não, senhora Comadre, aqui estão. D'alli a pouco volta a raposa:— Muito obrigada, senhor Compadre, já está prompto o baptisado.— Sim? E como se chama o seu afilhado?— Chama-se *Comecheicho*.— Ah! nome muito bonito, nome muito bonito! Tinha a raposa começado a comer o carneiro.

No outro dia torna lá a raposa a pedir-lhe os sapatos para outro baptisado. O lobo de boa vontade lh'os empresta e na volta pergunta-lhe o nome do afilhado.— Chama-se *Meicho*.— Nome muito bonito, diz-lhe o lobo! Estava metade do carneiro comida.

Ao outro dia a mesma coisa e nova pergunta sobre o nome do afilhado, ao que a raposa respondeu:— Chama-se *Acabeicho*.— Nome muito bonito! Estava o carneiro todo comido.

Diz depois a raposa ao lobo:— É verdade, senhor Compadre, quando havemos de comer o carneiro? Combinaram e fixaram o dia.

A raposa tinha deixado o rabo do carneiro de fóra, á flor da terra. No dia marcado lá foram fazer a boda. Chegados, diz o lobo á raposa:— Puxe lá, senhora Comadre, por esse rabo. A raposa finge um grande esforço e diz que não pôde puxar mais, que está muito enterrado, que é melhor o Compadre puxar agora para ella descansar. O lobo vai com toda a força a puxar e cae para traz, dando uma grande pancada no rabo. Accode a raposa:— Ah! o carneiro está pôdre! O lobo, desconfiando, diz que não, que foi a raposa que o comen. Grande bulha: porque foi você, não fui eu, foi você, etc., até que

a raposa faz uma aposta:— Olhe, senhor Compadre, vamos nos deitar ao olho do sol e aquelle que primeiro lhe suar o rabo, foi o que comen o carneiro.

Deitados, depressa adormeceu o lobo. E a raposa, logo que o vê dormir, mija-lhe no rabo; n'isto acorda o lobo e a raposa faz-se igualmente acordada, dizendo:— Foi o senhor Compadre que comen o carneiro; tem o rabo todo suado!— Foi você, senhora Comadre! Finalmente, de tal maneira se azedou a questão que pegaram á pancada e assim terminou a boda.

II.— **A raposa e o gato**— Era uma vez uma raposa que perguntou a um gato quantas manhas tinha.— Tenho duas: uma de arrabunhar e outra de engatar. E tu, raposa, quantas tens?— Eu, mil e um *chorro*. (*Chorro*=folle de pelle de cabra).

N'isto vê-se ao longe uma matilha de cães. Diz o gato:— Vamos nós vêr, raposa, quem mais depressa se livra d'aquelles cães que além veem, tu, com as tuas mil manhas e um chorro, e eu, com as minhas duas?— Pois sim. Quando os cães veem mais perto, o gato trepa por uma arvore ficando livre e a raposa deita a correr por alli fóra, cheia de medo a dizer:

— Ai! os meus olhinhos já iam pelos *guiços*, o meu rabo na bocca dos cães! ah! minhas perninhas, que de boa me livrasteis! Se eu d'esta escapar, contas com gatos não quero mais.

III.— **O rouxinol**— No tempo em que crescem os abraços de videira adormeceu, uma noite, o rouxinol, e, quando pela manhã acordou, não pôde voar, porque um abraço, crescendo, prendeu-lhe um pé. A mãe então recommendou-lhe que não dormisse durante esse tempo e por isso elle canta:— A minha mãe disse, disse, disse, diiiiisse, que eu não dormisse, que não dormisse, que não dormiiiisse.

Rasão por que o rouxinol canta de noite.

· Versões de Vinhaes.

(Continua).

R. P. (Collector).